

Paulo Cesar Sandler

Um recorte a propósito de Bion

Percurso: Como o Sr. chegou a Bion?
Sandler: Eu soube da existência de Bion através do meu pai, Jaime Sandler, que foi um dos primeiros psicanalistas em São Paulo na década de cinquenta. Ele falava de "um psicanalista inglês muito interessado em matemática". Tratava-se de Bion. Quando Bion veio ao Brasil, eu estava no sexto ano da faculdade de medicina. Eu tinha uma visão muito crítica em relação à psicanálise, estava interessado em psiquiatria social e bioquímica. Tive grande dificuldade em compreender o enorme interesse que os psicanalistas tinham nesta pessoa. Alguns anos antes, eu conhecera uma pessoa muito ligada a Bion, Frank Philips. Ele ficou aqui de 1969 até alguns meses atrás, quando retornou à Inglaterra. Em São Paulo é difícil falar de Bion sem falar

de Philips. Bion havia sido convidado para vir ao Brasil por insistência de Virgínia Bicudo e de Lygia Amaral, que o conheceram bem na Inglaterra, mas acho que o fato de Philips interceder foi decisivo para sua vinda. Eles eram amigos pessoais, e tenho a impressão de que Philips tinha uma noção clara de aspectos da obra de Bion; ele foi analisando de Melanie Klein e de Bion também. Philips me falava, sabendo que eu era quase médico, sobre as concepções de Bion no que diz respeito às diferenças entre o conceito de cura em medicina e em psicanálise, mas me recordo que naquela época eu não conseguia alcançar o que ele dizia.

Realização: Daniel Delouya, Mara Selaibe e Stella Sampaio Leite.
Edição: Andrea de Carvalho e Daniel Delouya.

Acabei entrando na psiquiatria, onde tive formação clássica hospitalar, e iniciei uma análise pessoal em 1974. Tive a sorte de poder contar com duas análises muito diferentes; uma delas, inspirada nas obras de Melanie Klein e de Bion, marcou minha formação.

Quando Bion veio ao Brasil, pela segunda vez, em 1978, eu estava no primeiro ano do Instituto. Estava estudando a obra de Freud, não tinha estudado Melanie Klein ainda e decidi não vê-lo, achando que ainda não tinha condições de acompanhar o que ele falava.

No curso que fiz no Instituto sobre Bion, em 1980, houve uma espécie de explosão para mim. Além da análise pessoal, eu trabalhava num hospital psiquiátrico desde 1970, e o que lia nos livros de Bion abordava e descrevia tudo o que eu observara até então; era como se ele tivesse andado atendendo os meus pacientes. Foi assim que comecei a me aprofundar na obra de Bion com o Dr. Felix Gimenez.

Num espaço de dois anos, li tudo que ele tinha escrito, inclusive as obras póstumas. Em 1981, estava imerso na leitura de *Uma memória do futuro*, que considero sua obra máxima, em termos de sintetizar de modo vivo tudo que ele escrevera anteriormente.

Percurso: Bion recorreu significativamente às ciências exatas para precisar suas formulações em psicanálise. O seu desejo de que a psicanálise fosse uma ciência permaneceu, ou teria mudado nos estágios finais de seu pensamento?

Sandler: A obra de Bion sai direto de uma parte da obra de Freud, a questão dos princípios do prazer-desprazer e da realidade e dos instintos de vida e de morte. Freud abriu muitos caminhos, dos quais uma boa parte não foi ainda explorada. O que Bion fez foi aprofundar vicissitudes na apreensão da realidade e desordens de

pensamento. Mostra, por exemplo, que memória e desejo são expressões fenomênicas do princípio do prazer. Trata-se de um outro modo de expressar, talvez mais filosófico e também, paradoxalmente, mais coloquial, aquilo que Freud já chamara de princípio do prazer.

Penso que até o final de sua vida Bion, tal como Freud, mantém sua tentativa de conferir um *status* científico à psicanálise, mas sem ficar preso a uma ciência positivista. Freud provocou uma revolução no *approach* positivista, por exemplo,

“
Bion tinha uma
capacidade quase
inigualável de suportar
esses paradoxos:
por exemplo, a
simultaneidade das
realidades interna
e externa.”

na apreensão da realidade pelo sistema sensorial. E nisto coincide com outros rompimentos da época, principalmente o da mecânica quântica. Freud foi o primeiro a comparar a psicanálise a ela. É aí que se introduz o princípio da incerteza, a realização prática do fracasso dos órgãos sensoriais na observação da realidade e da falácia de relações lineares de causa e efeito. Bion disse que a ansiedade não tem cor, não tem cheiro, não é palpável. Portanto, o *status* científico que ambos tentam dar à psicanálise não é o positivista. Nesse sentido, Bion mantém seus propósitos de incluir

a psicanálise como ciência. No que ele muda um pouco, principalmente na trilogia, é ter ficado mais livre para não apelar tanto para a matemática. Desistiu disso, pois pensa agora que a matemática não pode fornecer modelos para o aparato mental.

Percurso: O trabalho e a obra de Bion teriam uma preocupação peculiar em discriminar a realidade interna a fim de apreender a realidade externa?

Sandler: Não vejo, como parece que você coloca, uma precedência temporal, mas um processo conjunto, uma apreensão concomitante das duas realidades. Entre a mãe e seu bebê já podemos notar tal situação. Isso já está em Freud, que foi o primeiro a dizer que há duas formas diferentes de existência: a realidade psíquica e a realidade material. Ele tinha uma capacidade quase inigualável de suportar esse paradoxo que inclui duas formas diferentes e indivisíveis da mesma existência. Elas nos parecem divididas porque nós somos ainda muito limitados, tanto no conhecimento como na comunicação. Usamos palavras que não foram criadas para expressar emoções; com isso acabamos clivando, e aí falamos em realidade psíquica e realidade material. Essa tolerância de paradoxos aparece o tempo todo na obra desses grandes mestres. Por exemplo: objeto bom e objeto mau, amor e ódio, princípio do prazer/desprazer e princípio da realidade.

Percurso: Hanna Segal nos diz que Bion ampliou e desenvolveu o conceito kleiniano de identificação projetiva. Pode-se pensar que Bion tenha feito o mesmo com o princípio da realidade de Freud?

Sandler: Não apenas com o princípio da realidade, mas também com o princípio do prazer/desprazer. Na obra de Bion, mesmo na trilogia, as vicissitudes do princípio do prazer/desprazer con-

templam esse choque, esse conflito entre os dois. Bion aprofundou algo que já estava lá. Se uma pessoa alcançar realmente Freud, se, como Bion diz em *Uma memória do futuro*, a pessoa não for erudita em Freud, já que o erudito sabe que tal coisa e tal coisa foi dita por Freud ou por Melanie Klein, mas permanece cego para a coisa descrita, ele nem precisa da obra de Bion; se a pessoa tiver noção do que Goethe escreveu, do que Shakespeare escreveu, não precisa da obra de Freud também. É uma questão de nos aproximarmos da natureza humana. Não é bem que Bion ampliou: ele nos ajudou a ver o alcance que já existia.

Percurso: O trabalho de Freud de 1911, *Os dois princípios...* é um dos pilares da obra de Bion, o que não é o caso para os freudianos franceses. Em Freud o princípio do prazer engloba o da realidade, mas parece que Bion não se deu conta disto; criou uma dicotomia radical entre eles. Além disso, em Freud o pensamento é uma função do eu e a pré-condição dessa função é o prazer. Em Bion, o conhecimento (K) está relacionado com a capacidade da tolerância à frustração, em conseqüência direta da posição depressiva. Creio que esta é uma diferença importante.

Sandler: Não concordo que Bion esteja baseado no artigo de 1911 de Freud e nem Freud estava mais baseado nele a partir de 1920. Penso ser impossível falar no princípio da realidade e no princípio do prazer/desprazer hoje sem falar também nas questões ligadas aos instintos de vida e de morte. Melanie Klein parte daí. Como Bion vem depois, eu diria que ele teve um pai e uma mãe, com os genes decorrentes de ambos - é uma união desses dois momentos da obra de Freud.

Freud deu um salto em *Além do princípio do prazer*. Mas tenho a impressão que alguns, dentre os

franceses, ficaram presos ao Freud de 1910 e, às vezes, ao Freud de 1894-5, dos experimentos com a cocaína. Freud fez um percurso bastante penoso para ir vendo alguma coisa além desse princípio diretor da mente humana, que já era conhecido pelo menos desde Hobbes. Locke também fala claramente a respeito, assim como Francis Bacon e Espinosa. Todo o pensamento ocidental chegava ao princípio do prazer, sem usar esse nome. Freud teve uma prática com a cocaína ligada a isso.

“

○ pensamento
começa na hora em
que existe frustração -
ela é estruturante
do pensar.

”

Parece-me que aqueles, dentre os franceses, que pararam aí, passaram a fazer um elogio a um certo “princípio do prazer”, que inclusive supersimplifica o princípio do “prazer/desprazer” de Freud. Isso, a meu ver, é o motor da alucinação. E aí surgem construções teóricas a meu ver alucinatórias, de legalização do desejo. Nesse sentido Freud mudou; a teoria de Melanie Klein é toda baseada no instinto de morte, com as questões correlacionadas, a inveja e os ataques ao seio. Bion é a junção dessas duas situações, sempre com a questão do instinto de morte. Você colocou o problema com muita clareza: o pensamento só começa na

hora em que existe frustração. Por incrível que pareça, quem disse isso primeiro foi Freud, não Bion.

Percurso: A dificuldade extrema em suportar a frustração leva o psiquismo ao uso de um mecanismo evacuatório das experiências más, juntamente com as partes da mente que podem conhecer o que se passa. O Sr. considera que, se a raiz dessa dificuldade estiver em um fator constitucional ou em um fator ambiental, ou ainda na combinação deles, possa haver diferenças clínicas no manejo do trabalho analítico?

Sandler: Se pudermos nos livrar de toda idéia positivista de causa e efeito, nós entramos na psicanálise. Quanto cada pessoa tem de intolerância à frustração? Acho que é constitucional. Pode-se chamar de pulsional, de narcisismo primário, de inveja primária, ou outro nome que se preferir dar. A situação ambiental, do meu ponto de vista, é secundária, dentro de certos limites. Não estou me referindo ao tipo de frustração que implica violência, uma hostilidade tal por parte do ambiente, como no caso de crianças de rua, ou na situação de uma criança autista que foi alimentada com guaraná até os seis meses de idade, vivendo num quarto escuro onde a mãe a deixava. Perdi nove anos da minha vida profissional acreditando nos fatores ambientais, quando trabalhei em psiquiatria social e escrevi sobre isso. Hoje penso que isso não é determinante. O artigo do Bion que expõe isso com toda clareza se chama “Uma teoria do pensamento”, e também os cinco primeiros capítulos do *Aprender com a experiência*. A frustração seria estruturante do pensar; quando a criança experimenta a frustração, quando “sumiu” o seio, ela começa a pensá-lo.

Percurso: Winnicott nos ensina que a privação ambiental carrega a gênese da psicose, e que é no ambiente que é necessário interferir. Diante de situações-limite tais

como a da criança autista que o Sr. citou, da privação e da delinqüência de crianças de rua, será que o manejo técnico psicanalítico não deve se adaptar?

Sandler: Depende daquele indivíduo em particular, e de quanto ele suporta a frustração. A situação técnica é: como aquela pessoa lidou com aquilo que já aconteceu com ela? Na hora é preciso ver com quem se está lidando. Conheci uma pessoa que foi pedreiro, ficou analfabeto durante boa parte da vida, tem uma compleição física que revela que foi submetido a algum tipo de desnutrição na infância. Aos 35 anos entrou em uma prestigiada faculdade de medicina, tornando-se um cirurgião. As marcas do sofrimento são visíveis, mas é uma pessoa que não apresenta nenhum tipo de rancor, de violência contra sua própria origem e contra as coisas que aconteceram a ele. A forma de lidar com a privação relaciona-se com a condição primária de tolerância à frustração, ou seja, de acordo com o ódio à realidade que a pessoa carrega consigo. Bion diz que a um homem é dado sentir que lhe falta a capacidade de amar. Às vezes falta mesmo em algumas pessoas, não é só sentimento. A psicanálise só pode lidar com as conseqüências disso. Freud disse que a análise precisava ser conduzida num ambiente de abstinência; o *setting* é assim. Além disso, se você estiver em análise, a psicose sempre vai aparecer; todos nós temos uma parte psicótica, e vai aparecer a intolerância à frustração, a pobreza pessoal de cada um.

Percurso: Pode-se conjecturar que tanto Bion como Freud visam, na análise, o mesmo objetivo, que é o de aceder à realidade psíquica, mas através de caminhos diferentes: em Bion o contato com o ódio à realidade e com a realidade, e em Freud, o de trazer à consciência o desejo subjacente à fantasia inconsciente em jogo?

Sandler: Em parte, sim. Os relatos dos analisandos de Bion e sua explicitação a este respeito indicava que a análise servia para apresentar a pessoa para si mesma. Se não podemos nos separar de nós mesmos até o fim de nossas vidas, parece útil que possamos conhecer quem é essa pessoa com quem estamos fadados a conviver. Não vejo diferença entre as tentativas de Freud, de Melanie Klein, de Bion, de Winnicott ou de qualquer analista. Penso que a finalidade é a mesma, ou seja, a pessoa ser apre-

“

Quando se fala em ódio à realidade, o recalcado é uma das expressões deste ódio à frustração da situação instintual primária.

”

sentada para a realidade de si mesma, quem ela é.

Percurso: Qual o lugar do recalcado na obra de Bion?

Sandler: Quando está se falando em ódio à realidade, o recalcado - como em todas as técnicas humanas de repressão - é também expressão deste ódio, como nos casos clínicos descritos por Freud, nos quais a pessoa não suporta aquilo que é a realidade dela. Bion segue a observação de Freud segundo a qual a situação instintual é primária. A percepção está sendo determinada pelos instintos, expressa nas fantasi-

as inconscientes, no ódio à frustração. A frustração é a primeira realidade, vamos dizer, e isso seria a base.

Percurso: Mas o recalcado em Freud remete aos traços mnêmicos de origem, às experiências precoces organizadas nesses traços, em cenas de desejo...

Sandler: Agora estamos falando de mundos diferentes. Acho que isto também ocorreu quando Winnicott surgiu na nossa conversa. Se tomamos os últimos quartetos de Beethoven, ou de qualquer autor que tenha amadurecido, em geral encontramos ali um desenvolvimento desse autor, até que sua obra final sintetize, limpe e corrija inúmeras coisas, que foram o caminho dele. Acho que a referência feita por vocês tanto a Freud quanto a Winnicott fala do jovem Freud e do jovem Winnicott. Winnicott faz um percurso em relação à privação externa, ao papel do ambiente. Em um dos seus últimos artigos, "O uso de um objeto", ele diz que a mãe suficientemente boa é uma mãe minimamente boa, e insiste muito no papel estruturante dos próprios erros da mãe. Enfatiza a importância do ambiente, mas penso que ele nunca perdeu a postura psicanalítica de lidar com os recursos naturais das pessoas. Ele fala do uso e da exploração do objeto, e isso não é ambiental. Também esse Freud referido há pouco é o jovem Freud. Prefiro o Freud de "Construções em análise", de "Análise terminável e interminável."

Percurso: Não haveria, na clínica, uma diferença entre a escuta que incide sobre a defesa frente ao desejo inconsciente (Freud) e aquela que busca flagrar um estado alucinatório como defesa diante da percepção da realidade (Bion)?

Sandler: A sua pergunta mostra a procura de um método. Existe um "autor" francês inspirador do que eu acredito que é uma técnica psicanalítica. Podemos ver isso nos relatos de pacientes que se trataram

com Freud, e notamos também em alguns relatos de casos de Bion. O escritor é Gosciny e a técnica é a de Asterix. Os romanos tinham diversas técnicas de guerra, enquanto os gauleses guerreavam do jeito que dava. Geralmente os romanos levavam a pior. Os gauleses tinham uma “poção mágica”. Tenho a impressão que a única possibilidade técnica e metodológica em nosso ofício é a intuição, para a qual existe treinamento. A intuição, e isso vejo em Freud, Melanie Klein e Bion, é uma função da feminilidade. Não existe nenhuma técnica para procriar; as pessoas procriam. Não é mágica, como na história, mas é não-sensorial.

Percurso: Não é uma questão de técnica ou de método, mas da direção da escuta, do modo de acesso...

Sandler: Muitas vezes os pacientes me perguntam qual a linha que sigo e uma ou outra vez eu respondi: “Olha, eu vou seguir a sua linha. Ela ainda não apareceu nos livros, nenhum desses analistas famosos escreveu a sua história.”

Percurso: O aspecto que tentamos abordar diz respeito à sexualidade. Parece-me que em Bion o prazer é apenas uma maneira de evacuar o desprazer, ao passo que a sexualidade fica, em grande parte, reduzida às suas modalidades: anal (retentiva-expulsiva), oral (incorporativa), genital (conteúdo-continente). Em Freud, o prazer e a sexualidade são mutuamente articulados e isso marca a diferença no trabalho.

Sandler: Novamente, minha referência de Freud é posterior. Não existe a sexualidade colocada apenas nesses termos sensorio-concretos. É isto que tentei abordar agora há pouco em relação ao exercício da feminilidade pela intuição, pelo cuidar, pela capacidade de ser penetrado. Acho que uma grande contribuição de Freud em relação à sexualidade é ter mostrado a bissexualidade humana. Quanto à questão entre sexualidade

e prazer, creio que há uma confusão que, aliás, Freud também fez quando jovem. O binômio prazer-sexualidade me parece uma questão biológica ligada à perpetuação da espécie. Seja por meio de odores, por cores, por sons, os animais sentem prazer antes e durante o momento de procriar, inclusive nas espécies mais primitivas. Entendo a sexualidade nesse sentido, como uma teoria da natureza; Goethe a chama de *Naturphilosophie*. Acho que Freud disse isso com todas as letras, e as pessoas ficam muito perturbadas

“

Penso que existam
quatro grandes autores
em psicanálise:
Freud, Melanie Klein,
Winnicott e Bion,
nesta ordem.

”

quando ele, em sua biografia, diz que com quarenta anos não tinha mais relações sexuais com a esposa. Como ele tinha seis filhos, fico com a impressão de que ele já tinha cumprido sua função diante da natureza. Ele falou em sublimação! Vamos dizer que a situação sexual está presente sempre, a todo momento na vida, mas se for reduzida ao aspecto prazer, algo se perde.

Percurso: Você considera Bion um autor estruturalista, em função da dessubstancialização, da “descontundização”, em alguns dos seus conceitos? E se assim for, haveria alguma aproximação possível entre as obras de Bion e de Lacan?

Sandler: A resposta para a primeira parte da pergunta é não. E para a segunda parte é que eu sou muito ignorante em relação à obra de Lacan. No entanto, penso que Bion e Lacan disseram coisas muito parecidas de formas diferentes, que eventualmente, em outra situação que não uma entrevista, mas um estudo científico, eu poderia tentar dizer quais são. O *O*, a que eles se referem é um só, a realidade é a mesma. Eu imagino que ambos eram bons clínicos. Falando como um leigo interessado na obra de Lacan, eu diria que ele, ao final, se divorciou de muitas tendências, inclusive aquelas mencionadas na sua pergunta; penso que isso é algo muito mais dos lacanianos do que de Lacan.

Percurso: Em que lugar você colocaria Bion hoje, entre os autores contemporâneos da psicanálise, como André Green, Piera Aulagnier e outros?

Sandler: Penso que existiram quatro grandes autores em psicanálise que foram Freud, Melanie Klein, Winnicott, e Bion, nessa ordem. Bion tinha grande respeito por André Green, que por sua vez conseguiu ter respeito pela obra de Bion sem se intitular bioniano. Eu não consigo ver ainda a contribuição prática, no dia a dia da sessão, da obra dele, como vejo a de Bion. Quanto a Piera Aulagnier, penso que ela representa a psicanálise francesa excessivamente ligada ao jovem Freud. Como disse antes, de um modo geral, minha idéia sobre uma parte dos autores franceses é de uma teoria anterior ao *Além do princípio do prazer* e isso é uma limitação. Green poderia ser uma saída para eles, mas eu não acho que ele tenha poder institucional para isso. Falo em termos teóricos; não sei como é a prática.

Percurso: O Sr. traduziu a trilogia *Uma memória do futuro*. Na edição inglesa houve um desvio formal do plano original do autor. O Sr. sabe qual foi o motivo?

Sandler: A idéia de publicar os três livros num só foi do editor brasileiro, Luis Rivera, da Martins Fontes. Nessa época eu já tinha um relacionamento com Francesca Bion por causa dessa obra, e demos essa idéia para ela, pedindo autorização para fazer isso. Ela gostou muito da idéia e fez isso lá. Em função de uma série de problemas do nosso meio, econômicos e políticos, a edição dos nossos livros ficou muito adiada; eles estão prontos desde 1985. O primeiro volume foi editado em 1989, pela Martins Fontes, que acabou desistindo de editar os outros dois, e só agora, em 1996, Jayme Salomão, da Imago, os lançou. Quanto à ordem dos capítulos, Francesca Bion decidiu modificar a solução original dos livros na edição inglesa. Como sabia que Bion não estava muito satisfeito com aquela solução, achou que seria melhor colocar numa ordem lógica, ordinal. Nossos livros no Brasil, continuam como no original, sem essa lógica.

Quanto à tradução, o primeiro volume, pela Martins Fontes, tem erros muito graves por uma conjunção: fraqueza minha e por imposição da pessoa que fez a revisão em português. Como esse volume vai ser reeditado pela Imago, esses erros serão corrigidos. Por exemplo, o autor fala de um efeito desastroso, de uma mudança tão total quanto a invasão dos normandos na Inglaterra e a revisora colocou "invasão da Normandia" - ela errou em quase 100 anos! Há esse e outros erros, mas em parte a responsabilidade é minha, pois eu não podia ter autorizado a edição sem vê-la na prova final.

Percorso: Na resenha sobre *Cogitations* (Karnac, 1992), o Sr. recomenda a quem se aproxima da obra de Bion iniciar justamente pela trilogia *Uma memória do futuro*, porque tem a vantagem de não conter um jargão. Quais são os problemas que se tenta manter à distância, ao buscar evitar o jargão?

Sandler: Acho que a questão do jargão e da linguagem que usamos para conversar com os pacientes foi uma das maiores contribuições de Bion para a psicanálise e para o contato com o paciente. Usando uma imagem evocada por ele: quando havia moedas de ouro e prata, de peso definido, o valor facial delas se desgastava com o uso. Isso se agravava com a desonestidade do pessoal do Oriente, que raspava um pouco as bordas das moedas para ficar com o ouro. Com o jargão ocorreu isso;

“

Uma das maiores contribuições de Bion se refere ao uso do jargão: as palavras precisas e preciosas que os iniciadores criaram perderam o sentido.

”

aquelas palavras precisas e preciosas que os iniciadores criaram perderam o sentido, porque as pessoas não aprendiam por meio de análise e sim por leituras, tinham meias verdades, conhecimento parcial, ou buscavam se refugiar criando modificações no jargão para se atribuir importância.

Percorso: De todo modo, a gama de conceitos que Bion cria e usa está inserida na narrativa da trilogia não apenas de maneira diluída, mas densa e concretamente. Fica-se então com a impressão

de que para ler esses livros seja preciso conhecer bem toda a obra que os antecede.

Sandler: Talvez eu tenha uma idéia meio distorcida, baseada na minha experiência de ter trabalhado em grupo com pessoas que não tinham as concepções trazidas por Bion, nem as concepções de posições de Klein e, no entanto, puderam experimentar isso na leitura, e mesmo entrar nas concepções de Melanie Klein de um jeito talvez mais puro do que se tivessem tido um curso sobre o inconsciente, ou coisas assim. Você tem razão no que diz, porque hoje em dia já se pressupõe que a pessoa tenha ouvido falar ou saiba alguma coisa. Mas, nestes grupos, primeiro as pessoas tiveram esse contato e depois começamos a dar nomes aos bois. Aí já tínhamos alguma idéia sobre o que falávamos, através do que ocorrera na própria leitura, que propicia um tipo de experiência emocional.

Percorso: A partir da presença de Bion em São Paulo, formaram-se grupos de analistas que se dizem "bionianos". Ser "bioniano" é, segundo Meltzer, um contra-senso em função da própria obra de Bion. Como o Sr. pensa isso?

Sandler: Donald Meltzer foi um dos primeiros a empregar, em *O desenvolvimento kleiniano*, de 1981, os termos *biônico* e *bioniano* - o que é uma pena. Bion ficava profundamente desgostoso a respeito desses "ianos" - freudianos, kleinianos, bionianos; ele se revoltava com isso. Certa vez, uma pessoa que se via como "bioniana" lhe perguntou sobre a *Grade (Grid)*, e ele respondeu dizendo que tinha feito isso há muitos anos; agora já não tinha a menor importância, ele já não estava mais pensando nisso, e se tinha algum interesse para a pessoa, tudo bem, que ela a usasse. Em *Uma memória do futuro* diz estar muito surpreso de que seu nome esteja correndo de boca em boca, e que provavelmente será como

um cometa que passa e do qual não se ouve mais falar. Disse também que, se você quiser eliminar um autor da face da Terra, pode ou colocá-lo num cargo administrativo, ou começar a idolatrá-lo - a expressão que ele usa é "enterrar sob uma pedra tumular de adoração". Sobre "bionianos", ele não se referiu explicitamente, mas disse que "o idiota que tiver o nome dele impresso na lombada do livro vai pensar que o livro é dele". Num outro momento, fez um anagrama com as letras do seu próprio nome e, ao invés de Wilfred Ruprecht Bion, saiu *rbidefilnoru*, uma palavra impronunciável. Cita John Milton: "fama não é uma semente que viceje em solo mortal", e insiste em que os pensamentos não têm dono, são sem pensador, e estão aí vagando.

Os grupos humanos costumam usar essas designações, que podem às vezes parecer adequadas para efeitos de comunicação, mas creio que nós poderíamos considerar que podem ser provocadas por um desamparo da pessoa a partir do qual busca sustentar-se em algum grupo que ela mesma imagina que exista. A presença de grupos com adeptos em torno de personalidades nas Sociedades de Psicanálise no mundo inteiro, me parecem interessar mais a finalidades políticas e religiosas, e são nocivas quando a finalidade é científica. Isso é algo muito estudado por Bion: o ódio ao conhecimento é uma verdade expressa nos mitos da proibição do conhecimento - a Árvore da Sabedoria ou a Torre de Babel. Há essa tendência do ser humano de obliterar a verdade. Ocorreu isso com a obra de Freud, com a de Melanie Klein e fizeram com a de Bion. Acho que Lacan, no final de sua vida, tentou se opor a essa tendência. Desautorizou "lacanianos".

Percursos: Porém, há algo particular no modo como Bion e sua obra foram recebidos aqui e que difere da sua acolhida em outras

cidades e países, inclusive nos Estados Unidos, onde viveu e trabalhou durante onze anos. No livro *Bion em São Paulo e Nova York*, o público norte-americano critica e questiona, enquanto o brasileiro reverencia.

Sandler: Concordo em parte com sua observação. Vocês estão tentando caracterizar o evento como típico de São Paulo, mas em todos os lugares nos quais Bion teve uma influência maior (Itália, França, Argentina), muitas pessoas ficaram tomadas por um tipo de temor reverencial, de religiosidade.



Bion insiste em
que os pensamentos
não têm dono, são
sem pensador, e
estão aí vagando.



Grotstein conta (*Do I dare disturb the universe*, 1981), que algo aconteceu e certas pessoas faziam isso. Em Beverly Hills, por exemplo, algo de fato ocorreu; houve uma influência e uma reação a essa influência. A influência dele foi devolver para a psicanálise o sentido de apreensão da realidade - que era o objetivo de Freud. Houve uma reação a isso, a um tipo de análise que privilegiava o contato com a realidade psíquica, com o inconsciente e, conseqüentemente, com a realidade externa também.

O livro que você cita é muito esclarecedor nesse ponto. É visível que lhe faziam perguntas que o dei-

xavam perplexo e preocupado - pode-se notar isso pelas suas respostas. Em *Uma memória do futuro* há um diálogo entre ele e o personagem Sacerdote, que lhe pergunta "Como foi sua viagem à América?": e a resposta é muito interessante. "Sacerdote" é ele também, já que as pessoas tentavam colocá-lo nessa posição; mas acho que ele nunca aceitou isso. Depois, ele morreu e não está mais aqui para se defender. As pessoas fizeram isso que você diz, mas foram indivíduos e não grupos - é a minha impressão.

Bion sofreu e ainda sofre oposição em outros lugares, além da Inglaterra. Ele teve influência na França, onde certos grupos de psiquiatras aproveitaram muito mais sua obra do que os psicanalistas - com exceções, como André Green; na Itália, na Suécia e em Toronto há grupos interessados em sua obra, além da aproximação realmente notável de um grupo japonês. A influência de sua obra tem alcançado muitos lugares. Como ele disse, a "verdade é robusta". Embora possa ser obliterada, às vezes durante séculos.

Gostaria de agradecer a vocês pelo interesse. Vocês me impressionam pelo nível de informação que têm e disponibilidade para uma postura crítica e ao mesmo tempo aberta. Isso me parece fundamental em psicanalistas. Desculpem-me o tom pessoal nesse término: gostaria de acrescentar meu respeito pelo trabalho que vocês fazem no Sedes. Conheci razoavelmente, há muitos anos atrás, Roberto Azevedo e Regina Chnaiderman, os dois impulsionadores dessa empreitada, onde é visível o interesse por psicanálise. Regina sempre me surpreendia por seus interesses e posições, e dentro do que penso ser uma especial coragem pessoal que lhe era característica. Penso que a clara paixão da Regina pela psicanálise se mantém viva em vocês - esses fatos me fazem sempre ver o Sedes e suas iniciativas, com forte simpatia. ■